



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

GUSTAVO HENRIQUE TORRES DE GOES

**MINI GLOSSÁRIO DO *NIHON SHUWA*: UMA FERRAMENTA  
PARA O ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA DE SINAIS**

Brasília

2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

GUSTAVO HENRIQUE TORRES DE GOES

**MINI GLOSSÁRIO DO *NIHON SHUWA*: UMA FERRAMENTA  
PARA O ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA DE SINAIS**

Trabalho Final de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yuko Takano

Brasília  
2022

**Mini Glossário do *Nihon Shuwa*: uma ferramenta  
para o ensino da Língua Japonesa de Sinais**

Trabalho Final de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de Brasília.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Yuko Takano

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Banca Examinadora

---

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Yuko Takano  
Universidade de Brasília – UnB

---

**Examinador:** Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira  
Universidade de Brasília – UnB

---

**Examinadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kimiko Uchigasaki Pinheiro  
Universidade de Brasília – UnB

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que, a despeito das adversidades, nunca deixaram de sonhar.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais por sempre terem me tratado com amor e carinho, nunca permitindo a deficiência auditiva ser um impeditivo para seu filho e se opondo àqueles que duvidavam de suas capacidades. Foi graças a eles que desde cedo desenvolvi meu amor pela leitura e pela pesquisa, podendo hoje estar em uma posição que (infelizmente) poucas pessoas com a minha condição conseguiram alcançar.

Aos meus outros familiares, que nunca deixaram de torcer por mim e me ajudar sempre que possível. Em especial, à minha falecida avó Albertina, que imigrou ainda jovem do interior do Ceará e se foi antes de ver os seus netos concluindo os estudos.

Aos meus amigos que me conhecem desde os tempos de escola – apesar de a vida adulta ter diminuído nosso contato, guardo com carinho todas as recordações do passado e me alegro a cada encontro que temos.

À turma que ingressou no curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2018. Particularmente, gostaria de agradecer às colegas e amigas Victória e Giovanna, por terem me apoiado a seguir em frente com esta pesquisa.

À minha orientadora, que não só apoiou este projeto desde o início, mas também buscou e forneceu inúmeras oportunidades para o seu desenvolvimento e divulgação no meio acadêmico e à comunidade externa. Agradeço também aos demais professores e aos veteranos do curso, que me guiaram ao longo desta etapa.

Àqueles que conheci há muito em fóruns e comunidades virtuais e que, atualmente, são meus amigos e amigas do peito.

Ao grupo de oito pessoas que vem sendo meu porto seguro e minha segunda família há quase uma década. Que sigamos navegando juntos hoje, amanhã e para sempre.

Se cheguei até aqui, foi graças a cada um deles e de tantos outros que cruzaram meu caminho durante essa jornada. Muito obrigado.

**EPÍGRAFE**

*“A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdemos a chave, perdemos o povo. Se guardamos a chave em lugar seguro, como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta.” (Eva Engholm)*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta o processo de elaboração de um mini glossário da língua japonesa de sinais, trazendo consigo também os resultados alcançados e expectativas em relação à contribuição desta pesquisa. Como justificativa para a realização desta monografia, temos a escassez de trabalhos e compilações lexicais destinadas ao aprendizado das línguas de modalidade visual-espacial, em especial as estrangeiras. Tendo isso em vista, utilizamos principalmente os conceitos da lexicografia para a seleção e organização dos verbetes, contendo também descrições e ilustrações baseadas em técnicas mnemônicas para facilitar o processo de memorização e aquisição do conhecimento. Assim, tencionando servir como material de apoio para estudos e pesquisas futuras, obtivemos como resultado um mini glossário de 36 itens, abrangendo desde os sinais do silabário manual até os sinais de uso corriqueiro no dia-a-dia daqueles que possuem a língua japonesa de sinais como primeira língua.

**Palavras-chave:** língua japonesa de sinais; lexicografia; glossário.

## ABSTRACT

The present work describes the process of developing a japanese sign language mini glossary, the results we achieved throughout this process and the expectations we have regarding the contribution of this research. Given the lack of academic works and lexical compilations aimed at the study of sign languages available in portuguese, we had in the fundamental concepts of lexicography the basis for selecting and structuring the entries, combining it with the use of written and visual depictions based on mnemonic techniques in order to make the learning process easier and more effective. Thus, intending to create a helpful material for future studies and research, we conceived a mini glossary of 36 items that ranges from the signs of the manual syllabary to the signs of everyday use by those whose first language is the japanese sign language.

**Keywords:** japanese sign language; lexicography; glossary.



## SUMÁRIO

Dedicatória.....	I
Agradecimentos.....	II
Epígrafe.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Sumário.....	VI
Lista de Figuras.....	VII
Lista de Tabelas.....	VIII
<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1. Objetivos.....	2
1.2. Perguntas de Pesquisa.....	2
1.3. Contextualização e Justificativa.....	2
1.4. Estrutura do Trabalho.....	3
<b>2. Fundamentação Teórica.....</b>	<b>4</b>
2.1. As Línguas de Sinais.....	4
2.2. A Língua Japonesa de Sinais.....	8
2.3. Lexicografia.....	12
2.4. Técnicas Mnemônicas.....	14
<b>3. Metodologia.....</b>	<b>17</b>
3.1. Método e Natureza de Pesquisa.....	17
3.2. Público-Alvo.....	17
3.3. Procedimentos Metodológicos.....	17
3.4. Seleção e Coleta dos Sinais.....	18
<b>4. Glossário.....</b>	<b>22</b>
4.1. Silabário Manual.....	22
4.2. Sinais Corriqueiros.....	46
<b>5. Considerações Finais.....</b>	<b>60</b>
5.1. Contribuições de Pesquisa.....	60
5.2. Limitações de Pesquisa.....	61
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>62</b>
<b>Materiais Consultados.....</b>	<b>67</b>

**LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1 – ÁRVORE.....	7
FIGURA 2 – 木 ( <i>KI</i> ).....	7
FIGURA 3 – <i>YUBIMOJI</i> .....	9
FIGURA 4 – 中 ( <i>NAKA</i> ).....	11
FIGURA 5 – 田 ( <i>TA</i> ).....	11

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – LISTA DE SÍLABAS MANUAIS.....	20
TABELA 2 – LISTA DE SINAIS CORRIQUEIROS.....	21

## 1. INTRODUÇÃO

Consta tanto no artigo 205 da Constituição Federal brasileira de 1988 quanto no artigo 2 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que o acesso à educação, sendo um direito básico do cidadão e obrigação do Estado, deve ser promovido e incentivado em colaboração com a sociedade, visando, dentre outros, o pleno desenvolvimento do indivíduo. Partindo dessa premissa, inferimos que isso abrange também o estudo das línguas de sinais por todos aqueles que desejam aprendê-las, sejam eles surdos ou não. Em vista disso, entendemos que é fundamental o fornecimento das ferramentas necessárias para que esse direito seja alcançado.

Nosso interesse pelas línguas de sinais não surgiu por acaso. Como parte da comunidade de deficientes auditivos, sempre tivemos contato com pessoas que tinham a língua brasileira de sinais (Libras) como primeira língua. Da mesma forma, sempre tivemos entusiasmo pelo aprendizado dos idiomas estrangeiros, o que acabou culminando em nosso ingresso no curso de língua e literatura japonesa. Portanto, a escolha pelo estudo da língua japonesa de sinais foi algo natural em nossa jornada acadêmica.

Em face do panorama atual do ensino de línguas de sinais estrangeiras no país e movidos por nossas próprias experiências enquanto estudantes, optamos por contribuir, de alguma forma, para facilitar o processo de aprendizado de todos aqueles que desejam um dia estudar a língua japonesa de sinais. Para isso, escolhemos o ramo da lexicografia como alicerce para o presente trabalho, visando compilar uma série de sinais utilizados no dia-a-dia de uma pessoa que possui a língua japonesa de sinais como primeira língua e valendo-se dos conhecimentos adquiridos para o desenvolvimento de técnicas e materiais que auxiliem o aprendizado, utilizando para isso também conceitos vindos do estudo de técnicas mnemônicas.

Diante do exposto, esta pesquisa é, antes de tudo, o ponto de partida para um projeto que visa facilitar (ou mesmo tornar possível) o ensino da língua japonesa de sinais para quaisquer pessoas que tenham o interesse em seu aprendizado. Igualmente, também intenciona estimular futuros estudos na área – não só referentes à essa, mas à todas as outras línguas gestuais.

### **1.1. Objetivos**

O objetivo geral do presente trabalho é coletar, documentar e analisar uma série de unidades lexicais da língua japonesa de sinais. Os objetivos específicos, por sua vez, são os seguintes:

- a) Selecionar e catalogar algumas dezenas de sinais comumente utilizados pelos indivíduos que possuem a língua japonesa de sinais como primeira língua;
- b) Identificar a origem dos sinais escolhidos, bem como variações linguísticas e culturais existentes;
- c) Desenvolver meios que facilitem o aprendizado desses sinais.

### **1.2. Perguntas de Pesquisa**

Sendo assim, as questões que servem como base para este estudo são:

- 1) Como se deu a concepção dos sinais escolhidos?
- 2) Qual foi a influência da cultura japonesa na elaboração de cada um?
- 3) De que forma esse estudo pode contribuir para o desenvolvimento de técnicas e materiais de ensino da língua japonesa de sinais tanto para pessoas ouvintes quanto – e principalmente – para a comunidade Surda<sup>1</sup>?

### **1.3. Contextualização e Justificativa**

No que diz respeito às línguas de sinais estrangeiras, é perceptível tanto no ambiente acadêmico quanto no mercado editorial brasileiro a ausência de estudos e compilações lexicais destinados àqueles que querem aprender um novo idioma, seja o interessado surdo ou não. Também é notória a falta de

---

<sup>1</sup> Para este trabalho, optou-se por escrever “Surdo” com S maiúsculo para destacar os indivíduos que possuem uma língua de sinais como primeira língua e têm na surdez parte fundamental de sua identidade e cultura linguística, enquanto “surdo” com S minúsculo faz referência à condição audiológica.

estímulo para novas pesquisas na área, dada a falta de recursos e de materiais de referência para seu desenvolvimento. Em vista disso, o presente trabalho tem como finalidade proporcionar aos interessados uma base para o aprendizado da língua japonesa de sinais e ampliar o acervo disponível em língua portuguesa para o estudo dessa.

#### **1.4. Estrutura do Trabalho**

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos. No primeiro, são apresentados a introdução, os objetivos, a contextualização, a justificativa e as perguntas que servem como motivação para a realização desta pesquisa. No segundo, são detalhados os pressupostos que servem como base teórica para este trabalho (a detalhar: as línguas de sinais em geral, a língua japonesa de sinais em específico, a área da lexicografia e as técnicas mnemônicas). No terceiro, é relatada a metodologia de pesquisa utilizada durante a execução do trabalho. Já o quarto capítulo consiste no mini glossário que dá título a este trabalho, enquanto o quinto e último capítulo traz as considerações finais a respeito dos resultados obtidos, bem como a contribuição esperada para futuros estudos na área.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Este capítulo tem como objetivo fornecer o embasamento teórico necessário para a realização do presente trabalho, buscando apresentar de forma sucinta o estágio atual de conhecimento acerca dos temas aqui tratados com base nos estudos realizados por outros autores nas áreas pertinentes à esta pesquisa. Para isso, é dividido em quatro seções, respectivamente: as línguas de sinais de modo geral, acrescido de um panorama do que já se sabe em relação à sua aquisição e aprendizagem no momento presente e de uma breve descrição dos conceitos de iconicidade e arbitrariedade; a língua japonesa de sinais em específico, com sua história e características notáveis; a área da lexicografia como base para a construção do mini glossário e, por fim, o papel das técnicas mnemônicas no ensino-aprendizado.

### **2.1. As Línguas de Sinais**

As línguas de sinais são línguas naturais de natureza visual-espacial surgidas a partir do convívio de pessoas em comunidades surdas, diferenciando-se das línguas orais pelo uso de gramática e léxicos próprios. No Brasil, a língua brasileira de sinais é reconhecida constitucionalmente como meio legal de comunicação e expressão, direito esse assegurado pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que declara ainda ser dever do poder público e das instituições federais, estaduais, municipais e distritais atuar na difusão dessa e garantir aos Surdos e demais deficientes auditivos a devida assistência médica às suas necessidades. A constituição federal, através da lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008, institui ainda o dia 26 de setembro como o Dia Nacional dos Surdos, enquanto a lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, trata da garantia do exercício dos direitos e liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, visando sua inclusão social e igualdade de condições com todos os outros cidadãos brasileiros. Mesmo com o aporte constitucional, entretanto, ainda há entre a população muitas informações e ideias equivocadas sobre a língua brasileira de sinais e sobre as outras línguas gestuais de modo geral. É comum, por exemplo, a noção de que existe uma única língua de sinais universal – ou mesmo de que seria fácil criar uma a partir das já existentes. Até o século XIX, por exemplo, era

corriqueiro se referir à todas as línguas de modalidade visual-espacial como “a língua de sinais” sem quaisquer modificadores histórico-sociais ou geográficos incluídos, implicando assim que todas seriam uma só (BAYNTON, 1996, apud POWER, 2022). Há também a percepção equivocada de que todos os sinais são concebidos com base em conceitos puramente icônicos e concretos, não sendo possível, portanto, expressar toda a gama de ideias abstratas que existe nas línguas faladas (GEORGE, 2011). Dessa forma, é importante discutir e repensar as ideias errôneas que ainda persistem com relação aos Surdos e que dificultam a inserção dessa comunidade e de suas línguas maternas na sociedade – como bem descreve George (2011), o preconceito e a estigmatização contra Surdos e deficientes auditivos se estende também às línguas de sinais, o que resulta na falta de apoio ao ensino dessas em instituições de ensino e no seu descarte como objeto de pesquisa relevante no meio acadêmico.

Outro fruto desse cenário é a negligência dos preceitos básicos das línguas de sinais por parte dos ouvintes. Como colocam Thomason e Kaufman (1988, apud GEORGE, 2011), empréstimos linguísticos das línguas de maior prestígio social para as línguas marginalizadas tendem a ocorrer em populações com estratificações sociais bem definidas, onde uma parcela da sociedade tem amplo domínio (cultural, social, econômico) sobre a outra – por exemplo, a tendência de ignorar as normas que regem o uso das línguas gestuais em prol daquelas vindas das línguas faladas, fenômeno muito comum ao redor do globo, pode ser observada quando um ouvinte utiliza as estruturas padrões da língua socialmente dominante ao sinalizar, desconsiderando os fundamentos das línguas de sinais. Trazendo para o contexto da língua japonesa de sinais, essa, ainda segundo George, historicamente existiu em um contexto similar ao de uma diglossia<sup>2</sup> em relação ao japonês falado – Kimura e Ichida (1995, *ibidem*), entretanto, reforçam que a língua japonesa de sinais não é a simples sinalização direta das palavras e estruturas do japonês falado, mas uma língua natural com gramática própria.

Como exposto anteriormente, há na academia diminuta bibliografia disponível sobre a aquisição e o aprendizado de línguas de sinais, seja como

---

<sup>2</sup> A definição de “diglossia” aqui adotada é a de Ferguson, que descreve uma situação em que duas variedades do mesmo idioma são utilizadas por uma mesma comunidade, porém com funções e importâncias distintas (ABA, 2019).



primeira ou como segunda língua. No entanto, ainda assim existem algumas pesquisas que nos ajudarão a entender como ocorrem esses processos.

Mayberry (2005) afirma que línguas de sinais podem ser aprendidas como L2 por meio de uma variedade de condições. Bebês podem aprender língua de sinais como uma das línguas adquiridas desde o nascimento, caso seus pais sejam usuários de língua de sinais. Nesse caso, haverá a aquisição de duas línguas simultaneamente, uma língua falada e outra sinalizada, sendo um caso de bilinguismo bimodal. Crianças também podem aprender língua de sinais como L2 na escola, depois de ter adquirido sua L1, tanto falada quanto sinalizada, enquanto bebês. Adolescentes e adultos também aprendem, com frequência, língua de sinais como L2, sendo que nesses dois últimos casos, a aprendizagem da L2 acontece de forma sequencial em relação à L1. No caso de adultos ouvintes, eles podem aprender por motivos profissionais, como professores, intérpretes, pesquisadores, terapeutas que trabalham com crianças e adultos surdos. (PIZZIO e QUADROS, 2011, p. 63)

Com relação aos adultos nas fases iniciais do processo de aprendizado de uma língua de sinais – que são o público-alvo deste trabalho – temos em Pizzio e Quadros (ibidem) que a maior diferença com relação às crianças no mesmo estágio é a sua maior dependência de sinais icônicos para a retenção dos vocabulários aprendidos – é importante ressaltar, contudo, que nenhuma língua de sinais é formada puramente por gestos manuais estritamente icônicos, já que, assim como existem as estruturas fonológicas nas línguas faladas, nas línguas gestuais também existem estruturas sem significado que formam os sinais. Segundo os autores, essa característica de aprendizes iniciantes vem da necessidade de fazer associações com elementos familiares de modo a facilitar a memorização de novos vocabulários, o que eventualmente deixa de acontecer a medida em que o indivíduo adquire proficiência naquela língua. Pizzio e Quadros pontuam, ainda, que esse não é necessariamente um mau hábito, uma vez que noções básicas como posicionamento de mãos e dedos podem ser aprendidas dessa forma.

Tendo isso em vista, o que são, exatamente, os sinais icônicos? Em Quadros e Karnopp (2004, apud PEREIRA, 2019), são aqueles que apresentam relação direta com o que buscam representar, seja através da forma, do movimento e/ou da relação espacial, tornando mais fácil o entendimento do que aquele sinal está retratando. Frydrych (2012, ibidem) traz que, ao contrário do que muitos pensam, o conceito de iconicidade não é o completo oposto do

conceito de arbitrariedade, uma vez que, nas palavras da própria autora, “todo sinal é arbitrário, mas nem todo sinal é icônico” – ou seja, há traços de arbitrariedade mesmo em sinais que possuem motivação em aspectos da realidade, como pode ser visualizado nos sinais para ÁRVORE na língua brasileira de sinais e na língua japonesa de sinais.

**Figura 1 – ÁRVORE**



**Fonte:** PROVAS E CONCURSOS (2016)

**Figura 2 – 木 (KI)**



**Fonte:** 手話しゅわ SHUSHUSHU (2015)

Como visto nas figuras acima, mesmo dois sinais icônicos que visam exprimir a mesma ideia podem ser convencionados de maneiras distintas por comunidades diferentes, cada um representando aspectos específicos de seu

referente. Na língua brasileira de sinais, o antebraço do membro dominante representa o tronco de uma árvore fincado no solo (esse representado pelo outro membro, que serve como base), enquanto a mão dominante se movimenta de modo a lembrar as folhas farfalhando ao vento. Já na língua japonesa de sinais, o sinalizador move suas mãos de baixo para cima de modo a fazer o contorno de um tronco de árvore no ar. Assim, como conclui Pereira (2019), a relação entre a forma de um sinal e seu respectivo significado é arbitrária, dado que essa depende apenas das diversas convenções seguidas por cada comunidade linguística.

## 2.2. A Língua Japonesa de Sinais

A língua japonesa de sinais – em japonês, 日本手話 (*nihon shuwa*), também conhecida pela sigla em inglês *JSL* –, é a língua de sinais dominante no Japão, sendo uma língua natural e distinta da língua japonesa falada.

De acordo com Hall (1905), o início do ensino formal dessa língua se deu após a abertura da primeira escola para pessoas surdas em Quioto, no ano de 1878, se convertendo em uma escola pública no ano seguinte após ser assumida pelas autoridades locais. Ainda segundo o autor, essa instituição deve sua origem ao professor Tashiro Furukawa, que dedicou sua vida à educação dos surdos e à criação de técnicas de ensino a partir da necessidade de educar duas crianças surdas que frequentavam suas aulas. Hall relata, ainda, que o principal objetivo da educação para surdos era o de ensiná-los a se manter por conta própria e que grande parte das escolas que abriram posteriormente contavam com o suporte financeiro do departamento de educação nacional, que incentivava a formação de novos trabalhadores em um país que passava por rápida industrialização.















































Mesmo assim, esse cenário era restrito às poucas centenas de alunos que frequentavam as grandes instituições para surdos de Quioto e de Tóquio. Na era Taisho (1912-1926), as escolas pararam de ensinar a língua de sinais e passaram a oralizar e ensinar leitura labial para os surdos japoneses, o que foi um grande retrocesso na educação dessa comunidade e durou até o pós-guerra, quando organizações como a Federação Japonesa de Surdos foram criadas com o objetivo de defender os direitos da população Surda do país, tendo

sucesso em revogar leis que impediam os Surdos de exercer certas profissões e conseguindo o direito à obtenção de carteiras de motorista (GEORGE, 2011).

Atualmente, apesar do preconceito que ainda cria barreiras que dificultam a inserção dos Surdos na sociedade japonesa, já não existe mais o impedimento do uso da língua de sinais no dia-a-dia por parte da comunidade e várias instituições de ensino ao redor do arquipélago cuidam da educação formal de crianças e adultos surdos. Mesmo assim, ainda é comum que crianças surdas não tenham contato com a língua de sinais até a adolescência ou mesmo até a idade adulta, dificultando sua socialização e formação de identidade – mesmo as que possuem por vezes ainda têm que lidar com instrutores que não possuem o preparo e treinamento adequado, o que resulta em deficiências comunicativas e, conseqüentemente, dificuldade de aprendizado, tornando mais difícil o acesso desses indivíduos ao ensino superior e ao mercado de trabalho (GEORGE, 2011).

Outra questão relevante quando tratamos da língua japonesa de sinais são os empréstimos linguísticos da língua japonesa falada, assunto esse tratado brevemente na seção anterior. Apesar de raramente utilizado em conversas do cotidiano, o silabário manual (FIGURA 3) – *yubimoji* em japonês –, composto por 45 sinais e 4 diacríticos, foi inspirado nas sílabas fonéticas da língua oral e é um recurso sempre presente quando se faz necessário explicar um conceito novo ou soletrar nomes (GEORGE, 2011).

**Figura 3 – YUBIMOJI**

あ A 	い I 	う U 	え E 	お O 
か KA 	き KI 	く KU 	け KE 	こ KO 
さ SA 	し SHI 	す SU 	せ SE 	そ SO 
た TA 	ち CHI 	つ TSU 	て TE 	と TO 
な NA 	に NI 	ぬ NU 	ね NE 	の NO 
は HA 	ひ HI 	ふ FU 	へ HE 	ほ HO 
ま MA 	み MI 	む MU 	め ME 	も MO 
や YA 		ゆ YU 		よ YO 
ら RA 	り RI 	る RU 	れ RE 	ろ RO 
わ WA 	を WO 	ん N 		

Fonte: Tofugu (2016), com alterações realizadas por nós

Além do silabário manual, como bem expõe George (2011), existem ainda sinais isomórficos aos caracteres utilizados no japonês escrito, embora em menor quantidade devido às limitações fisiológicas naturais. Exemplos desse fenômeno são os sinais de 中 (*naka*, “centro”) e 田 (*ta*, “arrozal”), que são sinalizados de modo a lembrar os caracteres da língua escrita.

**Figura 4 – 中 (NAKA)**



Fonte: 手話しゅわ SHUSHUSHU (2016)

**Figura 5 – 田 (TA)**



Fonte: 手話しゅわ SHUSHUSHU (2016)

Grande parte dos sinais, todavia, são derivados da adaptação direta de termos da língua japonesa falada para a língua japonesa de sinais, em um processo linguístico conhecido como *calque morfológico* (GEORGE, 2011). Esses empréstimos lexicais são frequentemente utilizados para a formação de substantivos, como o nome próprio 田中 (*Tanaka*), feito a partir da sinalização em sequência dos sinais ilustrados nas figuras acima. Ademais, George descreve ainda outros fenômenos que evidenciam a influência da língua falada sobre a língua gestual, como o uso da mesma estrutura oracional e elementos comunicativos como a balbúciação de fonemas durante a sinalização. Essa influência da língua falada e de sua variedade escrita sobre a língua de sinais, segundo o autor, pode ter sua origem também na posição de autoridade que ouvintes têm como professores e tutores de aprendizes surdos, além do contato entre membros da própria comunidade com outros que já incorporaram esses elementos da cultura ouvinte em seu repertório linguístico.

### **2.3. Lexicografia**

O ato de selecionar e reunir listas de palavras com base em critérios específicos é tão antigo quanto a própria escrita, sendo possível encontrar exemplos dessa prática que vão desde as primeiras grandes civilizações da antiguidade até os missionários europeus que visavam aprender mais sobre as línguas dos povos indígenas do continente americano no intuito de catequizá-los (GANDARILLAS, 2021). Hoje, divide-se a área da lexicografia entre a lexicografia teórica (ou metalexigrafia), responsável por lidar com os aspectos estruturais e semânticos de uma língua, e a lexicografia prática, que é encarregada de compilar, escrever e/ou editar dicionários e glossários, sendo, portanto, uma fonte confiável de informação para os usuários e estudantes de uma língua e sendo imprescindível tanto no processo de preservação quanto no processo de enriquecimento dos idiomas (AHMED e OMER, 2017).

Dicionários [...] funcionam como ferramentas instrutivas que fornecem orientações para um uso adequado (da língua) ao passo em que melhoram a comunicação intercultural. [...] Assim, os lexicógrafos tendem a arcar com a responsabilidade de projetar, compilar e produzi-los de forma a serem considerados fontes confiáveis de conhecimento, cumprir seus propósitos gerais e atender aos critérios ou corresponder

às expectativas do usuário. (AHMED e OMER, 2017, p. 5, tradução nossa)

Coady e Huckin (1997, apud AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011) sustentam, ainda, que há um consenso geral entre os estudiosos do léxico de que o aprendizado e retenção de vocabulário estão no coração da competência comunicativa. Fazendo a ligação com o objetivo deste trabalho, então, temos como fundamental o uso dos conceitos advindos da lexicografia no desenvolvimento de um mini glossário que possa servir como guia para futuros aprendizes e pesquisadores da área.

Para isso, é necessário elucidar o processo de seleção dos léxicos e de elaboração do produto final. Com esse propósito, Yong e Pen (2007, *ibidem*) afirmam que é essencial considerar aspectos como para quem e com qual propósito o material será feito, quais palavras serão selecionadas, como deve se dar a estruturação do produto e como os significados devem ser expostos, dentre outros. Bowker (2006, *ibidem*), por sua vez, dispõe que é recomendável a toda compilação lexicográfica conter apenas o que é de uso mais corriqueiro em uma determinada língua – argumento esse reforçado por Atkins e Rundell (2012, apud FERREIRA e ALMEIDA, 2013), que defendem que um bom projeto é aquele cujas definições melhor se aproximam da maneira com que os usuários normalmente usam e entendem a língua durante a comunicação.

Dada a natureza deste estudo, portanto, é fundamental salientar a relação entre a lexicografia e a tradução durante o processo de construção de um glossário de língua estrangeira – em especial uma língua de sinais estrangeira. Tuxi (2015) destaca que é trabalho de tradutores e intérpretes se atentar para os diferentes significados que uma palavra possui dependendo do contexto em que é empregada.

De acordo com Segalla (2010), a palavra tradução não significa apenas um ato mecânico de traduzir de uma língua alvo para a língua fonte, mas sim um conceito amplo e profundo que envolve aspectos linguísticos, cognitivos, comunicativos, culturais e extralinguísticos além da estrutura comum da palavra. Há uma percepção semiótica do contexto a ser traduzido e principalmente para quem será traduzido. (TUXI, 2015, p. 567)

Dessa forma, uma seleção adequada de fontes para a obra lexicográfica é indispensável para a construção de um trabalho de qualidade. Svensén (2009,



apud FERREIRA e ALMEIDA, 2013) traz que o método de *corpus* – ou seja, o uso de coletâneas que exemplificam o uso da língua nos mais diversos contextos – ilustra “os aspectos típicos e centrais da língua”, fazendo com que o produto tenha uma boa representação do uso real de um idioma. Não obstante, esse método está intimamente ligado com o aprendizado de línguas, pois, como bem explicam Ferreira e Almeida (ibidem), os primeiros projetos lexicográficos baseados em *corpus* tinham em seu público-alvo os aprendizes de idiomas estrangeiros.

#### 2.4. Técnicas Mnemônicas

Segundo Farjami (2007, apud AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011), um dos problemas mais recorrentes entre os aprendizes de línguas estrangeiras é a dificuldade em assimilar as palavras recém-aprendidas – o uso de técnicas mnemônicas, contudo, se mostrou uma ferramenta eficiente para superar essa barreira. Para entendermos o que são, como funcionam e qual a serventia dessas técnicas para o presente trabalho, no entanto, precisamos primeiramente buscar entender o que é a memória, sua importância no que se refere à aquisição de conhecimento e seus tipos básicos.

Apesar de ainda não existir no meio acadêmico uma definição precisa do que é a memória, W. Sumrall, R. Sumrall e Doss (2016) concebem-na como sendo o mecanismo que nos permite “adquirir, reter e fazer uso de habilidades e conhecimentos”, explicando que o processo de memorização começa a partir do armazenamento de uma dada informação e termina com o seu uso quando se faz necessário. Assim sendo, precisamos nos atentar também aos tipos de memória existentes e sua relevância para o nosso propósito:

A memória tem um papel chave no aprendizado de vocabulário e de gramática. Existem dois tipos básicos de memória: a memória de curto prazo e a memória de longo prazo. A memória de curto prazo é responsável por guardar a informação que está sendo processada (como uma palavra nova que foi vista pela primeira vez). É veloz, mas só consegue reter informações por um curto período de tempo devido à sua pequena capacidade de armazenamento. A memória de longo prazo, por outro lado, tem uma capacidade de armazenamento ilimitada, mas é relativamente lenta. (AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011, p. 178, tradução nossa)

Tendo isso em vista, Schmitt (2000, apud AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011) afirma, então, que o principal propósito do ensino-aprendizado de vocabulário é realizar a transferência da informação lexical da memória de curto prazo para a memória de longo prazo. Para tanto, conforme ele, a forma mais eficiente de se consumir esse processo é a partir do vínculo entre as novas ideias e conhecimentos já consolidados pelo aprendiz.

Posto isso, Solso (1995, *ibidem*) define as técnicas mnemônicas como uma série de recursos e estratégias de natureza visual ou verbal que possuem como finalidade o aprimoramento da aquisição e da retenção de informação – em outras palavras, funcionam como uma ponte entre o que o aluno já sabe e o que se deseja aprender, criando elos e associações que auxiliam na transmissão do conhecimento recém adquirido da memória de curto prazo para a memória de longo prazo e, conseqüentemente, facilitam o aprendizado.

Se o material for apresentado de uma maneira que se encaixe ou se relacione substancialmente com o que já é conhecido, ele será retido por períodos de tempo relativamente longos [...]. Em outras palavras, usando técnicas mnemônicas, os professores podem relacionar novas informações com informações que os alunos já têm armazenadas em sua memória de longo prazo. (AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011, p. 179, tradução nossa)

Em Levin (1993, *ibidem*), temos que essas técnicas são especialmente eficazes úteis para aprendizes em níveis iniciais do aprendizado de determinado assunto, o que se mostra de grande utilidade para esta pesquisa. Para isso, optamos pela técnica de mnemônicos visuais, em que os novos conceitos – no caso deste trabalho, novos sinais – são ligados a imagens que endossam o que quer ser transmitido (Thompson, 1987, apud AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011).

Imagens e objetos não só podem ser usados para fornecer significados e informações, mas também podem para motivar e interessar os alunos (no que está sendo ensinado). Usando este método, uma imagem pode ser usada para tornar claro o significado de uma palavra. Por vezes também pode ser acompanhado de sua definição. (AMIRYOUSEFI e KETABI, 2011, p. 180, tradução nossa)

Logo, como concluem Amiryousefi e Ketabi, estudos como o de Roediger (1980) comprovam as vantagens do uso dessas técnicas como ferramenta para a memorização e retenção de conhecimento durante o estudo de línguas

estrangeiras, provando-se tão ou mais eficiente do que técnicas mais tradicionais de ensino.

### **3. METODOLOGIA**

Este capítulo tem como finalidade apresentar os percursos metodológicos que foram utilizados na presente pesquisa, sendo dividido em quatro partes para melhor organização: método e natureza de pesquisa; público-alvo; procedimentos metodológicos; seleção e coleta dos sinais.

#### **3.1. Método e Natureza de Pesquisa**

Na definição de Denzin e Lincoln (2006, apud AUGUST et al, 2013), os pesquisadores que optam por uma pesquisa qualitativa buscam interpretar e entender como ocorrem os fenômenos que estão sendo estudados a partir de observações prolongadas em seus ambientes naturais. Godoy (1995) acrescenta, ainda, que as pesquisas qualitativas funcionam como forma de analisar os seres humanos e “suas intrincadas relações sociais”.

Já em Boccato (2006, apud SOUSA, OLIVEIRA e ALVES, 2021), temos que os trabalhos de natureza bibliográfica envolvem “o levantamento e análise crítica” dos dados já publicados sobre o objeto de pesquisa, visando contribuir para aquela área do conhecimento.

Dada a proposta deste trabalho, então, optou-se por uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica.

#### **3.2. Público-Alvo**

Possui como público-alvo adultos, tanto ouvintes quanto Surdos, que queiram aprender e/ou desenvolver pesquisas sobre a língua japonesa de sinais.

#### **3.3. Procedimentos Metodológicos**

Para a elaboração do glossário, foi feito primeiramente um extenso levantamento bibliográfico visando a coleta de alguns dos sinais já existentes na língua japonesa de sinais. Feita a coleta, deu-se a análise dos léxicos escolhidos com o intuito de elaborar suas respectivas descrições e técnicas que buscam facilitar seu aprendizado – optou-se por explicações e ilustrações simples e

sucintas, de modo a ser o mais direto possível quanto ao que cada sinal busca representar. Concluída essa etapa, foi realizada a filmagem dos vídeos, seu *upload* em plataformas *online* e, por fim, a organização final do glossário.

### 3.4. Seleção e Coleta dos Sinais

Os sinais selecionados e aqui retratados foram separados em duas categorias: as sílabas manuais (*yubimoji*) e sinais corriqueiros. Enquanto as sílabas manuais compreendem aqueles sinais utilizados para soletrar nomes ou explicar conceitos novos, os de uso corriqueiro são aqueles comumente utilizados pela comunidade Surda japonesa em seu dia-a-dia.

Uma vez que as motivações por trás da concepção das sílabas manuais podem ser divididas em quatro grandes conjuntos – que são detalhados na seção posterior –, sua seleção se deu de modo a retratar cada um desses grupos de forma satisfatória a partir de uma amostra de cerca de metade do total de sílabas. Já os sinais corriqueiros aqui dispostos foram escolhidos dentre os mais frequentemente apresentados em livros e apostilas de nível básico da língua japonesa de sinais. Além disso, levando em conta o que foi exposto nos pressupostos teóricos, foram priorizados sinais com alto grau de iconicidade e de fácil assimilação.

Para facilitar futuras buscas e estudos, os itens são listados também em língua portuguesa e língua japonesa, além de suas respectivas romanizações. A ordem de apresentação dos léxicos se deu não pela ordem alfabética, como é habitual, mas de maneira que as associações e observações tiradas de cada sinal sejam reforçadas de maneira gradual e seguindo um fluxo natural de aprendizado. Devido às limitações de pesquisa, optamos por apenas 23 (vinte e três) sílabas manuais e 13 (treze) sinais corriqueiros para compor o mini glossário.

Quanto à extração do *corpus*, essa se deu a partir de variadas fontes impressas e audiovisuais produzidas por sinalizadores nativos e/ou com alto grau de proficiência. Feita a coleta dos sinais escolhidos, foi realizado também uma análise a fim de identificar e comparar eventuais variações e diferenças regionais na sinalização, bem como a averiguação do contexto no qual cada sinal é empregado. Boa parte dos sinais aqui retratados foram retirados de

ferramentas destinadas ao aprendizado da língua japonesa de sinais, como o aplicativo 手話ステーション Lite (*Shuwa Station Lite*) e o dicionário multilíngue de línguas de sinais *Spread The Sign*, bem como o livro didático やさしい手話 (*Yasashii Shuwa*). Além disso, recorreremos também a vídeos em plataformas *online*, destacando-se os canais 手話ちゃんねる (*Shuwa Channel*), こだ YouTube 手話サークル (*Koda Youtube Shuwa Circle*), とっとり動画ちゃんねる (*Tottori Douga Channel*), 始めて学ぶ手話 (*Hajimete Manabu Shuwa*), *jslvideodayo* e *DeafJapanTV*. Por fim, sites como NHK 手話 CG (*NHK Shuwa CG*), しゅわぶくろ (*Shuwa Bukuro*), アイチケット広場 (*Aichiketto Hiroba*) e *Deaf Japan* também foram consultados durante a elaboração do glossário.

TABELA 1 – LISTA DE SÍLABAS MANUAIS

#	Romanização	Língua Japonesa
1	A	あ／ア
2	I	い／イ
3	U	う／ウ
4	E	え／エ
5	O	お／オ
6	KA	か／カ
7	NA	な／ナ
8	MA	ま／マ
9	SU	す／ス
10	NO	の／ノ
11	FU	ふ／フ
12	HE	へ／ヘ
13	MU	む／ム
14	MO	も／モ
15	CHI	ち／チ
16	NI	に／ニ
17	MI	み／ミ
18	KI	き／キ
19	SE	せ／セ
20	TE	て／テ
21	NE	ね／ネ
22	ME	め／メ
23	YU	ゆ／ユ

Fonte: elaborado por nós

TABELA 2 – LISTA DE SINAIS CORRIQUEIROS

#	Língua Portuguesa	Língua Japonesa
1	Bom dia	おはようございます (ohayou gozaimasu)
2	Boa tarde	こんにちは (kon'nichiwa)
3	Boa noite	こんばんは (konbanwa)
4	Bons sonhos	おやすみなさい (oyasuminasai)
5	Adeus	さようなら (sayounara)
6	Prazer em conhecê-lo	はじめまして (hajimemashite)
7	Obrigado	ありがとうございます (arigatou gozaimasu)
8	Desculpe	ごめんなさい (gomen'nasai)
9	Eu	わたし (watashi)
10	Nome	なまえ (namae)
11	Feliz	うれしい (ureshii)
12	Triste	かなしい (kanashii)
13	Com raiva	いかり (ikari)

Fonte: elaborado por nós



## 4. GLOSSÁRIO

Esta seção traz o mini glossário resultante da pesquisa detalhada nas seções anteriores, sendo dividida em duas seções para melhor organização dos itens. A primeira conta com os sinais escolhidos a partir do silabário manual, enquanto a segunda conta com os sinais de uso corriqueiro pelos sinalizadores da língua japonesa de sinais.

Cada entrada contém instruções de como executar cada sinal aqui retratado e uma breve explicação de seu significado, além de um *link* para um vídeo em que o respectivo sinal é sinalizado pelo autor da pesquisa. Tencionando facilitar o processo de memorização e tornar mais perceptíveis as associações entre os sinais e seus significados, descrições em texto e ilustrações de apoio também são fornecidas.

### 4.1. Silabário Manual

Como abordado na seção 2.2., o silabário manual da língua japonesa de sinais é composto por 45 sinais e 4 diacríticos, cada um representando uma das sílabas fonéticas da língua japonesa oral. Ao contrário da língua escrita, o silabário manual não faz distinção entre as sílabas do *hiragana* e do *katakana* – a vogal “A”, por exemplo, é grafada como *あ* em *hiragana* e como *ア* em *katakana*, mas possui apenas um sinal no silabário manual. Caso semelhante ocorre nas línguas de sinais ocidentais, por exemplo, em que não há a distinção entre letras maiúsculas e minúsculas.

A partir das fontes que serviram de inspiração para o seu desenvolvimento, esses sinais podem ser divididos em quatro grandes grupos: os sinais com base nas letras do alfabeto latino (com forte similaridade aos sinais do alfabeto manual da língua de sinais americana); os sinais com que buscam imitar as formas das sílabas da língua japonesa escrita; os sinais que são baseados em leituras homófonas de números da língua japonesa oral; e, por fim, os sinais baseados em palavras e conceitos da língua e cultura japonesa.

Foram selecionados pouco mais de metade das sílabas manuais para este mini glossário, buscando abranger de forma adequada cada um dos quatro grupos de sinais anteriormente mencionados.

**SINAL 1 – A (あ/ア)**



[https://youtu.be/Kbi9g\\_l43-M](https://youtu.be/Kbi9g_l43-M)

Para sinalizar este sinal, configure a mão em punho e estenda o polegar para o lado. A palma da mão deve estar virada para o interlocutor.

Este sinal possui inspiração e grande similaridade com os sinais que representam a vogal “A” em boa parte das línguas de sinais ocidentais – tais como a língua brasileira de sinais, a língua de sinais americana e a língua de sinais francesa. Sua formação se deu a partir do desenho da vogal “A” minúscula, usando o contorno da mão e dos dedos para chegar em uma forma similar.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

SINAL 2 – I (い/イ)



[https://youtu.be/AffL\\_Qgt3AA](https://youtu.be/AffL_Qgt3AA)

Para sinalizar este sinal, configure a mão em punho e estenda dedo mindinho para cima, com a palma da mão virada para o interlocutor. O polegar deve estar segurando os dedos restantes.

De modo semelhante à vogal anterior, este sinal possui inspiração e grande similaridade com os sinais que representam a vogal “I” nas línguas de sinais ocidentais. Sua formação se deu a partir do desenho da vogal “I” minúscula, usando o contorno da mão e dos dedos para chegar em uma forma semelhante.



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

**SINAL 3 – U (う/ウ)**

<https://youtu.be/Grlp5w007tY>

Para sinalizar este sinal, configure a mão em punho e estenda os dedos indicador e médio para cima, juntos e paralelos um ao outro. A palma da mão deve estar virada para o interlocutor.

Assim como os sinais anteriores, este sinal também possui inspiração e grande similaridade com os sinais que representam a vogal “U” nas línguas de sinais ocidentais. Sua formação se deu a partir do desenho da vogal “U”, usando o contorno dos dedos de modo que o resultado se assemelhe à forma da letra.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 4 – E (ゑ / エ)**



<https://youtu.be/OSFF-8fVf78>

Para sinalizar este sinal, configure a mão em forma de garra, com os dedos e o polegar dobrados para dentro e com a palma da mão virada para o interlocutor.

Outro sinal que toma inspiração em suas contrapartes ocidentais, este deu sua formação a partir do desenho da vogal “E” minúscula, usando o contorno da mão e dos dedos para chegar em uma forma similar.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 5 – O (お/オ)**



<https://youtu.be/jxb0BCH-1rg>

Para sinalizar este sinal, configure a mão em forma de círculo, com o polegar encostando nos outros dedos.

Assim como todas as outras vogais, este também deve a sua formação a partir do desenho da vogal equivalente no alfabeto latino, usando o contorno da mão e dos dedos para chegar em uma forma similar à da letra “O”.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 6 – KA (か／カ)**



<https://youtu.be/rHYCD81btbo>

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicador e médio de forma que formem um ângulo entre 60° e 90°, posicionando o polegar na primeira articulação do dedo médio e com a palma da mão virada para o interlocutor.

Apesar de não representar uma vogal, este sinal também tem inspiração no alfabeto latino, usando o contorno da mão e dos dedos para chegar em uma forma similar à da letra “K” – essa característica é comum à grande maioria das sílabas terminadas em -a, sendo o sinal da sílaba *Ta* a exceção.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 7 – NA (な/ナ)**



<https://youtu.be/UKiUvFKrbg>

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicador e médio para baixo em formato de “V” e dobre o restante dos dedos, com a palma da mão virada para si.

Este sinal tem inspiração na letra “N” do alfabeto latino, seguindo a mesma lógica dos sinais anteriores.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós



**SINAL 8 – MA (ま/マ)**

<https://youtu.be/DUJ38cUeVhU>

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicador, médio e anelar para baixo em formato de “W”, ocultando o polegar e o mindinho e com a palma da mão virada para si.

Assim com os sinais anteriores, este sinal originou-se de outra letra do alfabeto latino – a letra “M”.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

SINAL 9 – SU (す／ス)



<https://youtu.be/KCNREWyGzuM>

Para sinalizar este sinal, dobre os dedos anelar e mindinho e estenda todos os outros, apontando-os para baixo e com a palma da mão virada para si.

Ao contrário dos sinais anteriores, este sinal tem inspiração na forma do *katakana* “SU (ス)”. Caso o sinalizador seja destro, o “desenho” do *katakana* ficará “espelhado” para quem está visualizando – característica essa que se repete nos outros sinais com essa mesma inspiração nos silabários japoneses. Ainda assim, é um sinal facilmente identificável.



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

**SINAL 10 – NO (のノ)**



<https://youtu.be/FqUGwcVcLw>

Para sinalizar este sinal, desenhe uma leve curva no ar com o dedo indicador, partindo de cima para baixo e na direção direita para a esquerda (no caso de quem é destro) ou esquerda para a direita (no caso de quem é canhoto).

Assim como o sinal anterior, este também tem inspiração nos silabários da língua japonesa escrita, consistindo no desenho da sílaba “NO” (ノ) do *katakana*.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

SINAL 11 – FU (ふ/フ)



<https://youtu.be/01ot8bBxwOQ>

Para sinalizar este sinal, estenda o polegar e o indicador em formato de “L” e direcione a mão para baixo, com a palma virada para si.

Este sinal é mais um que busca inspiração no *katakana*, fazendo referência direta à sílaba “FU” (フ).



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

SINAL 12 – HE (へ/へ)



<https://youtu.be/Wf7D31why4M>

Para sinalizar este sinal, estenda o polegar e o dedo mindinho e dobre os outros dedos, apontando a mão para baixo e com a palma virada para si.

Outro sinal altamente icônico, este utiliza o contorno da mão e dos dedos para se assemelhar à forma das sílabas “HE” do *hiragana* (へ) e *katakana* (ヘ).



**Fonte:** Deaf Japan (2019)

**Fonte:** elaborado por nós

SINAL 13 – MU (む／ム)



<https://youtu.be/sfpQwqf2r7U>

Para sinalizar este sinal, estenda o polegar e o dedo indicador em um ângulo de 90° enquanto dobra os outros dedos, com a palma da mão virada para si.

Este sinal, de modo semelhante aos anteriores, busca inspiração na sílaba “MU” (ム) do *katakana*. No entanto, vale mencionar que este sinal é idêntico ao sinal do número 6 na língua japonesa de sinais, não sendo isso mero acaso, uma vez que, no japonês oral, uma das leituras desse número é *mu*, como em 六つ子 (*mitsugo*, sêxtuplos).



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

SINAL 14 – MO (も／モ)



<https://youtu.be/aS72F4r010s>

Ao contrário dos anteriores, este sinal possui duas etapas para a sinalização. Primeiramente, a mão deve estar voltada para cima, com os dedos médio, anelar e mindinho fechados em punho. Feito isso, estenda o dedo indicador e o polegar (de forma semelhante ao sinal MU) depois junte-os em forma de pinça.

Enquanto os sinais anteriores possuem suas origens no silabário *katakana*, este possui inspiração na sílaba “MO” (も) do *hiragana*. Isso pode ser observado imaginando o traço maior da sílaba (em forma de anzol) seguindo o contorno da ponta do dedo indicador até a ponta do polegar, enquanto os dois traços menores e paralelos entre si seriam as dobras das juntas do dedo indicador. Como este sinal ficaria muito similar ao sinal da sílaba MU, adicionou-se mais um movimento na sinalização para uma melhor diferenciação.



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

**SINAL 15 – CHI (ち/チ)**



<https://youtu.be/XR-Jvz4neoA>

Para sinalizar este sinal, estenda todos os dedos para frente e encoste-os com o polegar – à exceção do mindinho, que ficará erguido em um ângulo de 90° em relação aos demais.

Este sinal teve como inspiração um dos sinais do número 1000 da língua japonesa de sinais, visto que, na língua japonesa oral, uma de suas leituras é *chi* – como exemplo, temos o nome da famosa cidade de Chiba, 千葉 (significando, literalmente, “mil folhas”). Da mesma forma, é possível visualizar o número mil em numerais indo-arábicos a partir das formas que os dedos assumem.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós



SINAL 16 – NI (に／ニ)



[https://youtu.be/hXJyiyI01\\_U](https://youtu.be/hXJyiyI01_U)

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicador e médio e deixe-os paralelos um ao outro enquanto apontando para o lado, ao passo em que os demais permanecem dobrados. A palma da mão deve estar voltada para si, uma vez que, voltada para o interlocutor, este se tornará o sinal da sílaba HA (は／ハ).

Este sinal possui semelhança tanto com o *katakana* “NI” (ニ) quanto com o ideograma do número 2, que também possui *ni* como uma de suas leituras. Exemplo disso é a palavra que representa o segundo mês do ano, 二月 (*nigatsu*, fevereiro).



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

SINAL 17 – MI (み/ミ)



<https://youtu.be/nHbDCNuDvac>

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicador, médio e anelar e deixe-os paralelos um ao outro enquanto apontando para o lado, ao passo em que o polegar e o mindinho permanecerão dobrados. A palma da mão deve estar voltada para si.

De modo semelhante ao sinal anterior, este busca inspiração tanto no *katakana* “MI” (ミ) quanto com o ideograma do número 3, que também possui *mi* como uma de suas leituras. Como exemplo, temos a palavra 三つ子 (*mitsugo*, trigêmeos).



Fonte: Deaf Japan (2019)



Fonte: elaborado por nós

**SINAL 18 – KI (き/キ)**

[https://youtu.be/ndlj\\_oiWxm4](https://youtu.be/ndlj_oiWxm4)

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicado e mindinho para cima, enquanto os demais devem apontar para frente enquanto suas pontas se tocam.

Este sinal se originou da palavra 狐 (*kitsune*, raposa), lembrando, portanto, a cabeça de uma raposa com as orelhas levantadas e focinho virado para a frente.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 19 – SE (せ/セ)**



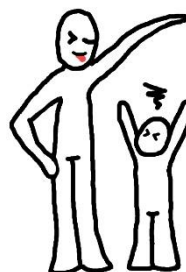
<https://youtu.be/fDIClqijGAE>

Para sinalizar este sinal, configure a mão em punho e estenda apenas o dedo médio, enquanto os outros permanecem dobrados e a palma aponta para o interlocutor – esse posicionamento é importante não só para a correta sinalização do sinal, mas também para evitar um gesto obsceno em várias culturas.

Este sinal se originou da palavra 背 (se, altura/estatura), utilizando o dedo mais longo da mão para representar uma pessoa alta que se destaca na multidão, por exemplo.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 20 – TE (て/テ)**

<https://youtu.be/Gf6MITj36yQ>

Para sinalizar este sinal, basta abrir a mão com a palma voltada para o interlocutor.

Este sinal vai direto ao ponto em sua associação, uma vez que tem origem na palavra 手 (*te*, mão). Sendo assim, mostrá-la a quem está visualizando é o suficiente para que se entenda seu significado.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)

**SINAL 21 – NE (ね/ネ)**

<https://youtu.be/jQW3AhUTRkQ>

Para sinalizar este sinal, abra a mão e estenda todos os dedos, apontando-os para baixo e com a palma virada para si.

Este sinal se originou da palavra 根 (*ne*, raiz), sendo uma representação das raízes das plantas fincadas no solo.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 22 – ME (め/メ)**

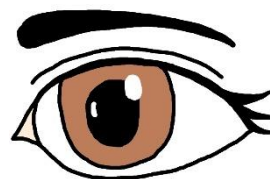
<https://youtu.be/DNBIGPZb308>

Para sinalizar este sinal, toque as pontas do polegar e do dedo indicador, enquanto os demais dedos se mantêm erguidos e apontando para cima. A palma da mão fica virada para o interlocutor.

O sinal da sílaba manual ME tem inspiração na palavra 目 (*me*, olho). Assim, o sinalizador configurará sua mão de forma a lembrar o formato de um olho (ou mesmo a lente de um monóculo).



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 23 – YU (ゆ/ユ)**



<https://youtu.be/wIODTRsRacE>

Para sinalizar este sinal, estenda os dedos indicador, médio e anelar em forma de W, enquanto o polegar segura o mindinho. É importante que a palma da mão fique virada para si, uma vez que, virada para o interlocutor, este tornara-se o sinal da sílaba WA (わ/ワ).

Não se tem certeza da origem deste sinal, mas a hipótese mais aceita é que veio da palavra 湯気 (*yuge*, vapor). Assim, pode-se imaginar os três dedos erguidos sendo o vapor d'água subindo de uma fonte termal ou de um prato de lámen quente, por exemplo. Nessa mesma linha, também é associado com o símbolo ゆ (*yu*), presente em casas de banho público ao redor do Japão e significando “água quente”.



**Fonte:** Deaf Japan (2019)



**Fonte:** elaborado por nós



## 4.2. Sinais Corriqueiros

Como exposto na seção 3.4., os léxicos que são apresentados nesta categoria foram selecionados com base em dois critérios: frequência de uso no cotidiano e grau de iconicidade. Dessa forma, buscamos trazer aqui sinais que sejam de grande serventia para aqueles que buscam iniciar os estudos e/ou pesquisas da língua japonesa de sinais e que, ao mesmo tempo, sejam de fácil aprendizado.

Uma característica marcante da língua japonesa de sinais é o uso de diversas partes do corpo durante a sinalização, como bochechas, sobrancelhas e língua. Da mesma forma, assim como nas outras línguas de sinais, as expressões faciais e corporais durante a sinalização funcionam como marcador semântico, exprimindo toda uma gama de sentimentos que não seriam identificáveis apenas pela configuração das mãos. Portanto, é importante que o sinalizador não só configure os dedos e mãos de maneira apropriada, mas dê a devida atenção a esses quesitos.

Além disso, outros parâmetros importantes a serem observados para a correta sinalização e eficácia na transmissão do que se pretende comunicar são:

- a) O local de articulação – ou seja, onde o sinal será realizado. Exemplos disso são o toque em alguma parte do corpo, como testa e bochecha, ou a sinalização no espaço neutro, que compreende o espaço à frente do corpo e é delimitado pela extensão dos braços.
- b) O movimento – sinais com mesma configuração de mão se diferenciam de acordo com o movimento que é feito durante a sinalização. Exemplos disso são os sinais estáticos, em que não há movimento, e sinais que se movimentam de forma linear, arqueada, alternada ou circular, entre outros.
- c) A orientação – além do movimento, sinais semelhantes se diferenciam também pela direção em que são sinalizados: para cima ou para baixo, para a esquerda ou para a direita, na vertical ou na horizontal, em sentido horário ou anti-horário, entre outros.

Seguidos esses parâmetros, a mensagem será transmitida de forma clara e concisa ao interlocutor.

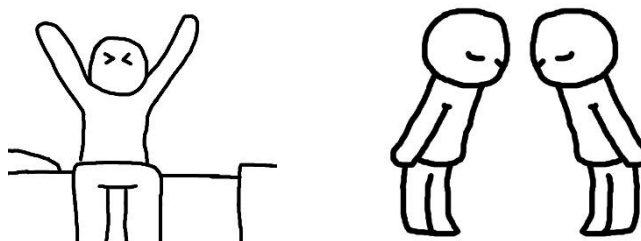
**SINAL 1 – BOM DIA** (おはようございます, *ohayou gozaimasu*)



<https://youtu.be/c4Tg0eYCsDU>

Para sinalizar este sinal, a mão dominante, fechada em forma de punho e com suas costas viradas para o interlocutor, deve ser posicionada perto de uma têmpora e movida para baixo. Feito isso, os dedos indicadores de ambas as mãos devem ser posicionados de frente um para o outro e curvados levemente.

A primeira parte do sinal representa uma pessoa retirando o travesseiro debaixo de sua cabeça ao acordar pela manhã, enquanto a segunda parte remete a dois indivíduos se curvando um ao outro para se cumprimentar. Assim, podemos interpretar este sinal como “a saudação feita pela manhã” ou “a saudação matutina”.



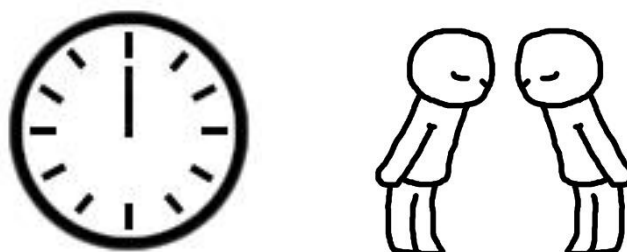
Fonte: elaborado por nós

**SINAL 2 – BOA TARDE (こんにちは, *kon'nichiwa*)**

<https://youtu.be/iQkLawmebgk>

Para sinalizar este sinal, os dedos indicador e médio da mão dominante devem ser situados entre as sobrancelhas. Feito isso, posicione os dedos indicadores de ambas as mãos de frente um para o outro e curve-os levemente.

A primeira parte do sinal representa a posição dos ponteiros do relógio ao meio dia, enquanto a segunda parte remete a dois indivíduos se curvando um ao outro para se cumprimentar. Dessa forma, podemos interpretar este sinal como “a saudação feita após o meio dia” ou “a saudação vespertina”.



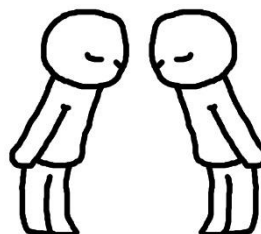
**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 3 – BOA NOITE** (こんばんは, *konbanwa*)

<https://youtu.be/8wswbQAG9IY>

Para sinalizar este sinal, as mãos devem inicialmente se localizar ao lado das orelhas e com as palmas voltadas para o interlocutor. Então, devem ser movidas até que se cruzem na frente de seu rosto. Feito isso, posicione os dedos indicadores de ambas as mãos de frente um para o outro e curve-os levemente.

A primeira parte do sinal representa o sol se pondo no horizonte, enquanto a segunda parte remete a dois indivíduos se curvando um ao outro para se cumprimentar. À vista disso, podemos interpretar este sinal como “a saudação feita após o pôr do sol” ou “a saudação feita à noite” - é importante ressaltar, porém, que este sinal é usado apenas ao se encontrar com alguém no período noturno, e não ao se despedir.



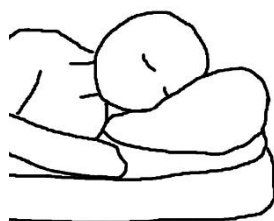
**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 4 – BONS SONHOS** (おやすみなさい, *oyasuminasai*)

<https://youtu.be/4m5HxwYaKII>

Para sinalizar este sinal, encoste a mão dominante fechada em punho na bochecha e abaixe a cabeça para o lado suavemente enquanto fecha os olhos.

Este sinal representa alguém colocando um travesseiro por baixo da cabeça antes de se deitar, podendo ser interpretado como “irei repousar”. Pode ser utilizado tanto para se despedir de alguém à noite quando para sinalizar a ação de ir dormir.



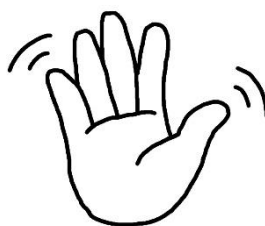
**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 5 – ADEUS (さようなら, sayounara)**

<https://youtu.be/OBA7NO3aAvk>

Para sinalizar este sinal, agite a mão dominante suavemente para a esquerda e para a direita enquanto a palma está voltada para o interlocutor.

Este sinal vem do tradicional gesto que pessoas fazem ao se despedir uma da outra, possuindo também o mesmo significado.



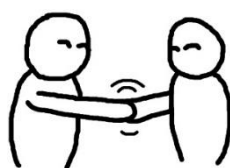
**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 6 – PRAZER EM CONHECÊ-LO (はじめまして, *hajimemashite*)**

<https://youtu.be/idxvZYCC6vo>

Para sinalizar este sinal, posicione as mãos à frente do peito, ambas com as palmas voltadas para baixo e com a mão dominante por cima. Estenda o dedo indicador da mão dominante na horizontal e erga-a verticalmente enquanto fecha o restante dos dedos. Em seguida, deixe as duas mãos paralelas uma à outra e aproxime-as suavemente com ambos os dedos indicadores levantados na vertical.

Este sinal foi formado a partir da combinação de dois outros: o primeiro significando “primeira vez” – em que o sinalizador levanta a mão dominante com o dedo indicador estendido, formando o número um – e o segundo significando “encontrar” – em que o sinalizador aproxima as duas mãos enquanto os dois indicadores estão erguidos, como se fossem duas pessoas indo em direção uma à outra para se encontrar. Dessa forma, pode ser interpretado como “pela primeira vez, nos encontramos”.



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 7 – OBRIGADO** (ありがとうございます, *arigatou gozaimasu*)

<https://youtu.be/doTDOCT1-jY>

Para sinalizar este sinal, posicione a mão dominante acima das costas da outra mão e com os dedos alinhados, de modo perpendicular à essa. Feito isso, mova-a verticalmente.

Este sinal se originou do gesto que os lutadores de sumô fazem ao receber seus prêmios após as lutas para expressar gratidão, configurando suas mãos no que é conhecido no Japão como 手刀 (*tegatana*).



**Fonte:** elaborado por nós



**SINAL 8 – DESCULPE** (ごめんなさい, *gomen'nasai*)

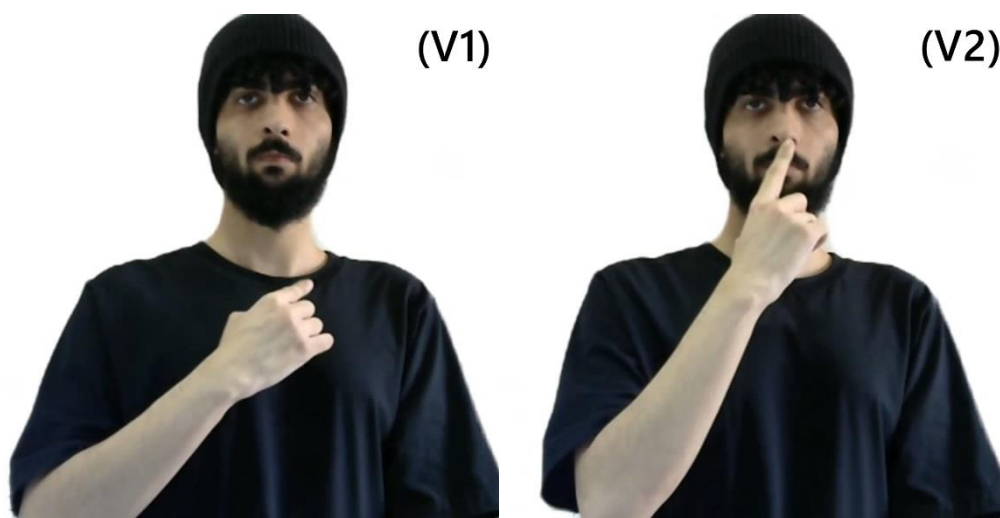
<https://youtu.be/A8Pftktp2lk>

Para sinalizar este sinal, aperte o espaço entre as sobrancelhas com o polegar e o indicador. Feito isso, alinhe os dedos em frente ao rosto e mova a mão para baixo enquanto movimenta a cabeça levemente no mesmo sentido. A feição deve ser de arrependimento e o corpo deve estar ligeiramente curvado para a frente.

Este sinal é a combinação de dois outros – o primeiro sendo o sinal de “aborrecimento”/“incômodo” e o segundo sendo o sinal de “pedido”. Dessa forma, pode ser interpretado como “sinto muito por lhe causar problemas” ou “por favor, ignore o incômodo que lhe causei”.



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 9 – EU (わたし, *watashi*)**

<https://youtu.be/um7QwemcQ9k>

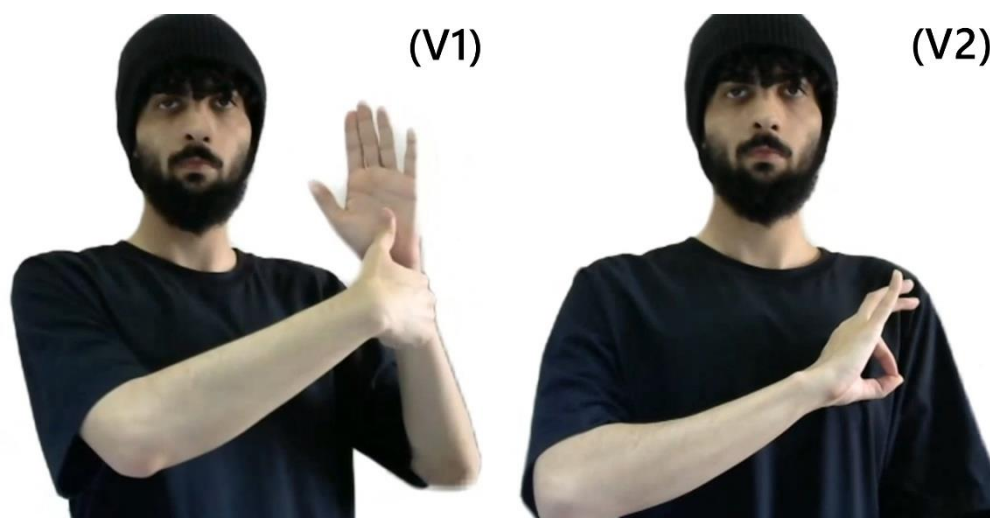
Para sinalizar este sinal, aponte para si na altura do peito ou do nariz com o dedo indicador da mão dominante.

Neste sinal, portanto, a pessoa está simplesmente se referindo a si mesma.



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 10 – NOME (なまえ, *namae*)**



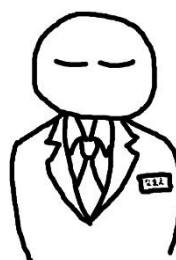
<https://youtu.be/QNMK27aiF-I>

Este sinal possui duas variações regionais amplamente utilizadas. Para sinalizar a primeira variação, pressione o polegar da mão dominante na palma da outra mão, que deve estar aberta e virada para o interlocutor. Já para sinalizar a segunda variação, aponte para o lado esquerdo do peito com o polegar e indicador da mão dominante, fazendo um círculo.

A primeira variação é uma referência ao ato de carimbar o próprio polegar ao assinar um documento, sendo comumente utilizado no leste do Japão (onde se localizam, dentre outras cidades importantes, a capital Tóquio). Já a segunda, de uso frequente no oeste do arquipélago (em cidades como Osaka e Quioto), faz menção às plaquinhas que contêm os nomes de seu portador e são presas do lado esquerdo do peito para identificação, muito utilizadas em escolas e outros ambientes.



Fonte: elaborado por nós



Fonte: elaborado por nós

**SINAL 11 – FELIZ (うれしい, *ureshii*)**

<https://youtu.be/-h28bCjfPro>

Para sinalizar este sinal, mova as duas mãos intercaladamente para cima e para baixo na altura do peito, ambas estando abertas e de palmas voltadas para si mesmo. A feição deve ser de alegria.

Este sinal busca representar a sensação de euforia que sai do peito quando estamos alegres, podendo ser interpretado como “estou tão feliz que sequer consigo conter esse sentimento dentro de mim mesmo”.



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 12 – TRISTE (かなしい, *kanashii*)**

<https://youtu.be/0cKG3pjjl6M>

Para sinalizar este sinal, configure o indicador e o polegar em formato de pinça e mova a mão para baixo a partir da altura dos olhos. A feição de quem está sinalizando deve ser de tristeza.

Este sinal busca representar as lágrimas que caem dos olhos quando alguém está chorando de tristeza.



**Fonte:** elaborado por nós

**SINAL 13 – COM RAIVA (いかり, *ikari*)**

<https://youtu.be/pRjgxdEhZN0>

Para sinalizar este sinal, as mãos, que devem estar abertas, com os dedos ligeiramente dobrados e as palmas voltadas para o sinalizador, devem ser movidas para cima a partir da altura do estômago, de modo firme e rápido. A feição deve ser de irritação.

Este sinal busca representar as entranhas de uma pessoa fervilhando de raiva, podendo ser interpretado como “estou tão irritado que mal consigo me controlar”.



Fonte: elaborado por nós

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente capítulo é dividido em duas seções: contribuições de pesquisa e limitações de pesquisa. Na primeira seção são apresentados os resultados deste trabalho e as contribuições que nós esperamos oferecer a partir dele, além de sugestões para futuros estudos na área. Já na segunda seção, que trata das limitações de pesquisa, são expostos alguns dos percalços enfrentados durante a execução deste trabalho e seus detalhes.

### **5.1. Contribuições de Pesquisa**

Com base na coleta e análise de uma série de itens lexicais, este trabalho teve como finalidade o desenvolvimento de ferramentas e estratégias para o ensino da língua japonesa de sinais. Feita a seleção e organização dos verbetes, buscamos elaborar e fornecer descrições e ilustrações simples que tornem o processo de memorização e conseqüente aprendizado dos sinais uma tarefa descomplicada, procurando também fazer correlações entre os sinais retratados e elementos da língua e cultura japonesa que, de outra forma, poderiam ter passados despercebidos. Entendemos que o estudo das línguas de sinais ainda está engatinhando no país, e esperamos que esta pesquisa sirva como inspiração (ou mesmo como referência) para trabalhos futuros. Além disso, julgamos que o material resultante deste trabalho possa ser de grande valia para a concepção de futuros materiais dedicados ao estudo da língua japonesa de sinais, ao passo em que as técnicas e estratégias de ensino aqui relatadas possam ser colocadas em prática e refinadas por outros pesquisadores mais à frente.

Nessa mesma linha, acreditamos ainda que as línguas de sinais e a educação inclusiva oferecem uma vasta rede de oportunidades para estudo. Sendo assim, achamos interessante e necessário o surgimento de outras compilações lexicais, pesquisas comparando as línguas de modalidade visual-espacial com as línguas orais e também entre si, pesquisas focadas na criação de ferramentas de acessibilidade e pesquisas que investiguem as estratégias adotadas pelos Surdos durante o aprendizado. Trabalhos como o de Câmara

(2014) e Sousa (2022)<sup>3</sup>, focados em viabilizar o ensino da língua japonesa oral e escrita para Surdos, podem também ser de imensurável valor para o aprendizado da língua japonesa de sinais por essa comunidade, por exemplo. Assim, concluímos que este se trata de um campo rico e fértil para o estudo acadêmico e que deve ser explorado.

## **5.2. Limitações de Pesquisa**

Dado o tempo limitado para a elaboração deste trabalho e somado ao contexto da pandemia de COVID-19, não houve oportunidade para colocar em prática as estratégias de ensino aqui retratadas e realizar a coleta e análise de dados, o que seria de grande ajuda para repensar e refinar as técnicas desenvolvidas – apesar da realização de oficinas durante a matéria de estágio supervisionado em língua japonesa do segundo semestre letivo de 2021 e durante o 10º Festival do Japão de Brasília, não concebemos formulários, entrevistas ou qualquer outro tipo de meio para registrar a experiência e as sugestões dos alunos, uma vez que foram ambas realizadas antes do início desta pesquisa. Ainda assim, ambas tiveram um retorno muito positivo por parte dos presentes (ouvintes e Surdos).

Além disso, por se tratar de uma monografia a nível de graduação, limitamos o número de itens lexicais à 36, sendo, respectivamente, 23 sinais provenientes do silabário manual japonês e 13 sinais de uso habitual pelos Surdos japoneses. Também não tivemos acesso a equipamentos de filmagem e programas de edição profissionais, o que resultou em gravações com uma qualidade de imagem aquém do que gostaríamos. Dessa forma, caso esta pesquisa venha a ter continuidade, pretendemos expandir o número de verbetes de modo a abranger todas as sílabas manuais e diversos outros sinais de nível básico, além de disponibilizar vídeos em uma resolução superior.

---

<sup>3</sup> No prelo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABA, O. **Ferguson's 9 Criteria of Diglossia**. Sociolinguistic Studies, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/336671918\\_Ferguson%27s\\_9\\_criteria\\_of\\_diglossia](https://www.researchgate.net/publication/336671918_Ferguson%27s_9_criteria_of_diglossia)>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

AHMED, A. Q.; OMER, J. A. **The Role of Lexicography in Enrichment and Development of Language**. 2017. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/335230954\\_The\\_Role\\_of\\_Lexicography\\_in\\_Enrichment\\_and\\_Development\\_of\\_Language](https://www.researchgate.net/publication/335230954_The_Role_of_Lexicography_in_Enrichment_and_Development_of_Language)>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

AMIRYOUSEFI, M.; KETABI, S. **Mnemonic Instruction: A Way to Boost Vocabulary Learning and Recall**. Journal of Language Teaching and Research, v. 2, n. 1, p. 178-182. Janeiro de 2011. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/228990463\\_Mnemonic\\_Instruction\\_A\\_Way\\_to\\_Boost\\_Vocabulary\\_Learning\\_and\\_Recall](https://www.researchgate.net/publication/228990463_Mnemonic_Instruction_A_Way_to_Boost_Vocabulary_Learning_and_Recall)>. Acesso em: 11 de julho de 2022.

AUGUSTO, C. A.; SOUZA, J. P. d.; DELLAGNELO, E. H. L.; CARIO, S. A. F. **Pesquisa Qualitativa: Rigor Metodológico no tratamento da Teoria dos Custos de Transação em Artigos Apresentados nos Congressos da SOBER (2007-2011)**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 51, p. 739-758, 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/273221862\\_Pesquisa\\_Qualitativa\\_Rigor\\_metodologico\\_no\\_tratamento\\_da\\_teorias\\_dos\\_custos\\_de\\_transacao\\_em\\_artigos\\_apresentados\\_nos\\_congressos\\_da\\_Sober\\_2007-2011](https://www.researchgate.net/publication/273221862_Pesquisa_Qualitativa_Rigor_metodologico_no_tratamento_da_teorias_dos_custos_de_transacao_em_artigos_apresentados_nos_congressos_da_Sober_2007-2011)>. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.796**, de 29 de outubro de 2008. Institui o Dia Nacional dos Surdos. Brasília, 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11796.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11796.htm)>. Acesso em: 12 de setembro de 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 12 de setembro de 2022.

CÂMARA, G. M. d. **O Ensino da Língua Japonesa Escrita para Surdos que têm a Libras como Língua Materna**. Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/9796>>. Acesso em: 17 de abril de 2022.

DEAF JAPAN. **JSL Fingerspellings**. 2019. Figura. Disponível em: <[https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/51fbf1c3e4b08df0098f3a3f/1396072460616-ER7BEXN4VENW4A5E8EDY/jsl\\_fingerspellings.jpg?format=1500w](https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/51fbf1c3e4b08df0098f3a3f/1396072460616-ER7BEXN4VENW4A5E8EDY/jsl_fingerspellings.jpg?format=1500w)>. Acesso em: 6 de abril de 2022.

FERREIRA, J. P.; ALMEIDA, G. M. B.; CORREIA, M. **O Uso de Corpora para a Constituição de Recursos Lexicográficos de Referência: o Caso do VOC**. Platô - Revista do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, v. 2, p. 38-54, 2013. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/281255466\\_O\\_uso\\_de\\_corpora\\_para\\_a\\_constituicao\\_de\\_recursos\\_lexicograficos\\_de\\_referencia\\_o\\_caso\\_do\\_VOC](https://www.researchgate.net/publication/281255466_O_uso_de_corpora_para_a_constituicao_de_recursos_lexicograficos_de_referencia_o_caso_do_VOC)>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

GANDARILLAS, M. **John Considine (ed.)**. 2019. **The Cambridge World History of Lexicography**. Cambridge: Cambridge University Press. *International Journal of Lexicography*, v. 34, 2021. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/349853549\\_John\\_Considine\\_ed\\_2019\\_The\\_Cambridge\\_World\\_History\\_of\\_Lexicography\\_Cambridge\\_Cambridge\\_University\\_Press](https://www.researchgate.net/publication/349853549_John_Considine_ed_2019_The_Cambridge_World_History_of_Lexicography_Cambridge_Cambridge_University_Press)>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

GEORGE, J. E. **Politeness in Japanese Sign Language (JSL): Polite JSL Expression as Evidence for Intermodal Language Contact Influence**. Dissertação (Doutorado) – Programa de Graduação em Linguística da Universidade da Califórnia, Berkeley. Berkeley, 2011. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/4jq1v247>>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/262479939\\_Pesquisa\\_qualitativa\\_tipos\\_fundamentais](https://www.researchgate.net/publication/262479939_Pesquisa_qualitativa_tipos_fundamentais)>. Acesso em: 18 de agosto de 2022.

HALL, P. **The Education of the Deaf in Japan**. Em: *American Annals of the Deaf*. Vol. 50, nº 3. Washington DC: Gallaudet University Press, Maio de 1905. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44461837>>. Acesso em: 13 de abril de 2022.

PEREIRA, S. L. P. **A Iconicidade e a Arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais-Libras: Uma Análise na Perspectiva da Semiótica Greimasiana**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1825>>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. d. **Aquisição da Língua de Sinais**. 1ª ed. Florianópolis: CCE/UFSC, 2011. v. 1. Disponível em: <[https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto\\_Base\\_Aquisi\\_o\\_de\\_l\\_inguas\\_de\\_sinais\\_.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/aquisicaoDeLinguaDeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_inguas_de_sinais_.pdf)>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

POWER, J. M. **Historical Linguistics of Sign Languages: Progress and Problems**. *Frontiers in Psychology*, 9 de março de 2022. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.818753/full>>. Acesso em: 4 de julho de 2022.

PROVAS E CONCURSOS. **[Sem título]**. 2016. Figura. Disponível em: <<https://www.provaseconcursos.com.br/imagens/questoes/e1080e1bcc20d560285a90172061.gif>>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

SOUSA, A. S. d.; OLIVEIRA, G. S. d.; ALVES, L. H. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos**. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>>. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

SOUSA, V. d. S.; **Como Viabilizar o Ensino de Japonês para a Comunidade Surda na UnB?** Universidade de Brasília, 2022. No prelo.

SUMRALL, W.; SUMRALL, R.; DOSS, D. A. **A Review of Memory Theory**. *International Journal of Humanities and Social Science*, v. 6, n. 5, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/323430288\\_A\\_Review\\_of\\_Memory\\_Theory](https://www.researchgate.net/publication/323430288_A_Review_of_Memory_Theory)>. Acesso em: 14 de julho de 2022.

TOFUGU. **[Sem título]**. 2016. Figura. Disponível em: <<https://files.tofugu.com/articles/japan/2016-03-02-japanese-sign-language/JSL-aiueo.jpg>>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.

TUXI, P. **Proposta de Organização de Verbetes em Glossários Terminológicos Bilíngues – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Cadernos de Tradução (UFSC), v. 35, p. 557-588, 2015. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/285639085\\_Proposta\\_de\\_organizacao\\_de\\_verbetes\\_em\\_glossarios\\_terminologicos\\_bilingues\\_-\\_lingua\\_brasileira\\_de\\_sinais\\_e\\_lingua\\_portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/285639085_Proposta_de_organizacao_de_verbetes_em_glossarios_terminologicos_bilingues_-_lingua_brasileira_de_sinais_e_lingua_portuguesa)>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

手話しゅわ SHUSHUSHU. **[Sem título]**. 2015. Figura. Disponível em: <<https://livedoor.blogimg.jp/kaemon8484-h8s4/imgs/d/1/d12680f8-s.jpg>>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

手話しゅわ SHUSHUSHU. **[Sem título]**. 2016. Figura. Disponível em: <<https://livedoor.blogimg.jp/kaemon8484-h8s4/imgs/3/2/32305f9b-s.jpg>>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.

手話しゅわ SHUSHUSHU. **[Sem título]**. 2016. Figura. Disponível em: <<https://livedoor.blogimg.jp/kaemon8484-h8s4/imgs/a/4/a4bc3ddf-s.jpg>>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.

## MATERIAIS CONSULTADOS

HIDEAKI, O.; YONAIYAMA, A.; やさしい手話: はじめてでもカンタン! 絵でおぼえる. Tóquio: Natsumesha, 1999.

Deaf Japan. Disponível em: <<https://deafjapan.com>>.

DeafJapanTV. Youtube. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/user/DeafJapanTV>>.

jsslvideodayo. Youtube. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/user/jsslvideodayo>>.

Spread The Sign. Disponível em: <<https://www.spreadthesign.com>>.

手話ステーション Lite. Disponível em:  
<<https://play.google.com/store/apps/details?id=cc.mdi.ShuwaStationEnt>>.

手話ちゃんねる. Youtube. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/channel/UCVyymIldh49H7ySDqc0lXIQ>>.

こだ YouTube 手話サークル. Youtube. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/channel/UCFMAxYLcZ\\_Msx3y8YWYuiUA](https://www.youtube.com/channel/UCFMAxYLcZ_Msx3y8YWYuiUA)>.

とっとり動画ちゃんねる. Youtube. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/channel/UCUVthF8\\_PtCNRkSmhU4muZQ](https://www.youtube.com/channel/UCUVthF8_PtCNRkSmhU4muZQ)>.

始めて学ぶ手話. Youtube. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/channel/UCyaQO7mO82BVnQuDjLF1zag>>.

NHK 手話 CG. Disponível em:  
<<https://www2.nhk.or.jp/signlanguage/syllsear.cgi>>.

しゅわぶくろ. Disponível em: <<https://syuwafriends.com>>.

アイチケット広場. Disponível em: <<https://park.paa.jp/park2>>.